

Maurício de Almeida Abreu (Rio de Janeiro, 1948–2011)

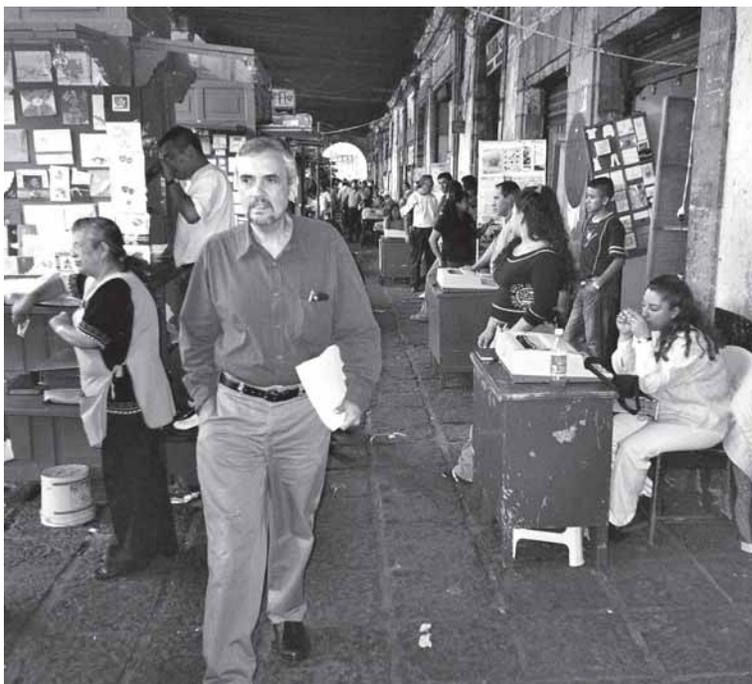


Arquivo particular: álbum de família

Prof. Maurício A. Abreu em noite de autógrafa no lançamento do seu livro *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro 1987



Arquivo particular: álbum de família
Prof. Maurício A. Abreu em encontro informal com o Prof. Milton Santos e a Profª. Bertha K. Becker.



Arquivo particular: álbum de família
Prof. Maurício A. Abreu na cidade do México durante um evento científico, 2006.

Discurso-homenagem por ocasião da concessão da Medalha do Mérito Pedro Ernesto, pela Câmara da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro ao Prof. Dr. Maurício de Almeida Abreu, abril de 2011

Prezados Senhores e Senhoras, meus amigos e amigas e, sobretudo, meu tão querido Maurício – que, mesmo não podendo estar presente, está conosco no pensamento e na emoção:

Quando Laizinha, contatada pela vereadora Sonia Rabello, convidou-me para falar algumas palavras nesta ocasião tão importante para um de meus maiores amigos, confesso que titubeei um pouco. Primeiro, pela emoção e, segundo, pela grande responsabilidade – pois, de alguma forma, falaria em nome de tantos outros amigos que poderiam perfeitamente estar aqui, no meu lugar. Mas, agradecido, resolvi encarar o desafio e aproveitar esta oportunidade ímpar para também me congratular com meu amigo e homenageá-lo, recordando alguns passos de uma bela trajetória que, em boa parte, pude compartilhar com ele.

Essa trajetória começou nos idos anos 70, mais exatamente em 1978, quando, ainda estudante de graduação, desloquei-me de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, para Fortaleza, no Ceará, onde pude assistir sua apresentação durante o marcante Congresso Nacional de Geógrafos, símbolo da entrada do país na abertura política que então começava a se desenhar. Maurício, recém-doutor, pós-graduado dois anos antes na Universidade de Ohio, nos Estados Unidos, era então, muito provavelmente, o mais jovem doutor da Geografia brasileira. Ele honrosamente dividiu uma mesa-redonda com Milton Santos, o já reconhecido geógrafo que, na ocasião, aproveitando os primeiros ventos da abertura política, retornava definitivamente da França para o Brasil.

Quatro anos depois, ingressando no mestrado em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tive a satisfação de ser aluno de Maurício, e lembro bem da seriedade com que desenvolvia seu curso – dedicação, organização e, sobretudo, rigor, que foram sempre as marcas maiores de seu percurso acadêmico. À época ele preparava seu livro “A evolução urbana do Rio de Janeiro”, publicado em 1987, e que, com várias reedições, já se tornou um clássico dos estudos urbanos sobre a nossa cidade. Como uma das melhores provas de sua determinação e de seu raro rigor com relação ao trabalho acadêmico, gostaria de lembrar também seu artigo de mais de 100 páginas intitulado “O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação (Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro)”, publicado na Revista Brasileira de Geografia em 1997.

Mas aquela que foi a mais esperada e que constitui sua maior obra é sem dúvida “Geografia Histórica do Rio de Janeiro – 1502-1700”, lançada há poucos meses atrás. A dedicação e perseverança com que Maurício desenvolveu a pesquisa que deu origem a este livro é algo incomum no nosso meio acadêmico, marcado pelo imediatismo e pelo utilitarismo dos resultados. Trata-se de um trabalho de praticamente duas décadas, verdadeiramente a obra de uma vida, podemos dizer, e que envolveu um minucioso levantamento de fontes primárias em arquivos do Rio de Janeiro, de Portugal e do Vaticano. Lembro sempre do verdadeiro mito em que havia se transformado este livro, pois a cada final de ano Maurício nos prometia sua finalização, e já estávamos cansados de vê-lo

repetir: “neste ano eu termino”. Mal sabíamos nós o quanto ele estava guardando em termos de informações amplamente inovadoras que só viriam à tona com a publicação desta mega-obra de 2 volumes e mais de 900 páginas.

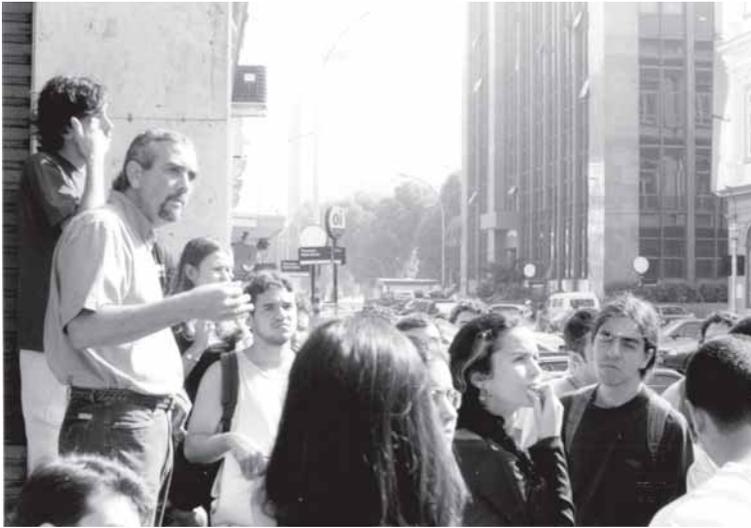
Como ele próprio afirma em seu generoso agradecimento, “não obstante as inúmeras argumentações em contrário”, como seus amigos mais próximos, “fomos sempre capazes de aceitar suas justificativas de que ‘faltava algo mais a escrever’”, estimulando-o sempre a continuar o trabalho. Nesse sentido, lembro-me com que apreensão ele – e todos nós - recebemos a notícia de sua primeira cirurgia e sua enorme preocupação com a finalização do trabalho. Felizmente, com a ajuda de tantos amigos, dos médicos e, sobretudo, com sua força que, pode-se dizer, foi heróica, ele recobrou a saúde e conseguiu finalizar e, finalmente, ver publicado e reconhecido seu trabalho.

“Geografia Histórica do Rio de Janeiro: 1502-1700” constitui, como disse o historiador Ronaldo Vainfas em uma resenha no jornal O Globo, um vasto trabalho no estilo “braudeliano”, numa perspectiva geo-histórica que busca traçar a totalidade de dimensões da sociedade, através da priorização do olhar sobre o seu espaço. Trata-se de uma obra marcada pelo zelo com a organização meticulosa e a informação a mais fidedigna.

Para além de seus méritos acadêmicos, contudo, é preciso salientar ainda as qualidades pessoais que marcam a trajetória de vida de Maurício. Além da qualidade de seu trabalho, o valor de sua honestidade e imparcialidade, tão raras em um meio competitivo como o ambiente intelectual em que vivemos, levou-o a ser escolhido para representar a área de Geografia Humana junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por dois triênios, quando também ocupou a Coordenação Geral do Comitê de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Além disso, entre 2001 e 2004, foi eleito representante da área de Geografia junto à CAPES, onde representou ainda a Grande Área de Ciências Humanas junto ao Conselho Técnico-Científico, órgão máximo deliberativo daquele órgão.

Maurício acabou por se firmar, assim, hoje, como o maior geógrafo histórico brasileiro. Sua contribuição ao resgate da memória de nossa cidade é de valor incalculável. Em um artigo recente o jornalista Elio Gaspari considerou seu mais recente livro como um dos maiores presentes que a cidade do Rio de Janeiro recebeu nesses últimos tempos. A homenagem que ora esta Casa lhe presta é um tributo mais do que justo a este legado, uma merecida homenagem que, para além do caráter institucional e formal que carrega, representa a agregação de tantos amigos que, como eu, tiveram ou têm o privilégio de conviver com ele. Que fique aqui, muito mais do que a formalidade deste momento, o congoçamento e o carinho que, irmanados, enviamos agora para ele, para que continue com sua força e seu desejo firme de superar, seja de que forma for, aquilo que ele próprio, na apresentação de seu livro, identificou como “as muitas peças que a vida nos prega, algumas delas demasiado sérias”. Temos a certeza de que, mesmo impossibilitado fisicamente de estar aqui presente, Maurício está compartilhando conosco, da forma mais intensa possível, este momento de congoçamento e felicidade. Ele tem plena consciência de que a jornada destes últimos anos foi heróica, e de que ele agora, merecidamente, junto com o carinho dos verdadeiros amigos, está colhendo seus melhores frutos.

Rogério Haesbaert da Costa
Professor do Departamento de Geografia
Universidade Federal Fluminense



Arquivo particular: álbum de família
Prof. Maurício A. Abreu em trabalho de campo no centro histórico do Rio de Janeiro com alunos da UFRJ, 2002.



Arquivo particular: álbum de família
Prof. Maurício A. Abreu com alunos de pós-graduação em geografia e de iniciação científica da UFRJ no VII Encontro Nacional da ANPEGE, 2007, Niterói.
Da esquerda para direita: Leonardo R. Oliveira, Thiago Marçon, Renato C. Mendes, Maurício A. Abreu, Marcelo W. Silva, Bruno A. R. Rossato, Carlos F. F. Saldanha, Rafael Straforini.

Mensagem de homenagem ao mestre Maurício de Almeida Abreu

Difícil mensurar a perda do professor Maurício de Almeida Abreu. Não só para a geografia brasileira, da qual foi um dos mais importantes representantes recentes; tão pouco para a Geografia Histórica, de quem foi pioneiro através de um brilhante trabalho. Maurício foi mais do que um homem que nasceu para a pesquisa e mais do que um professor que com maestria aliava conhecimento e didática, belo reflexo do prazer em exercer aquilo que se gosta e se sabe fazer de verdade.

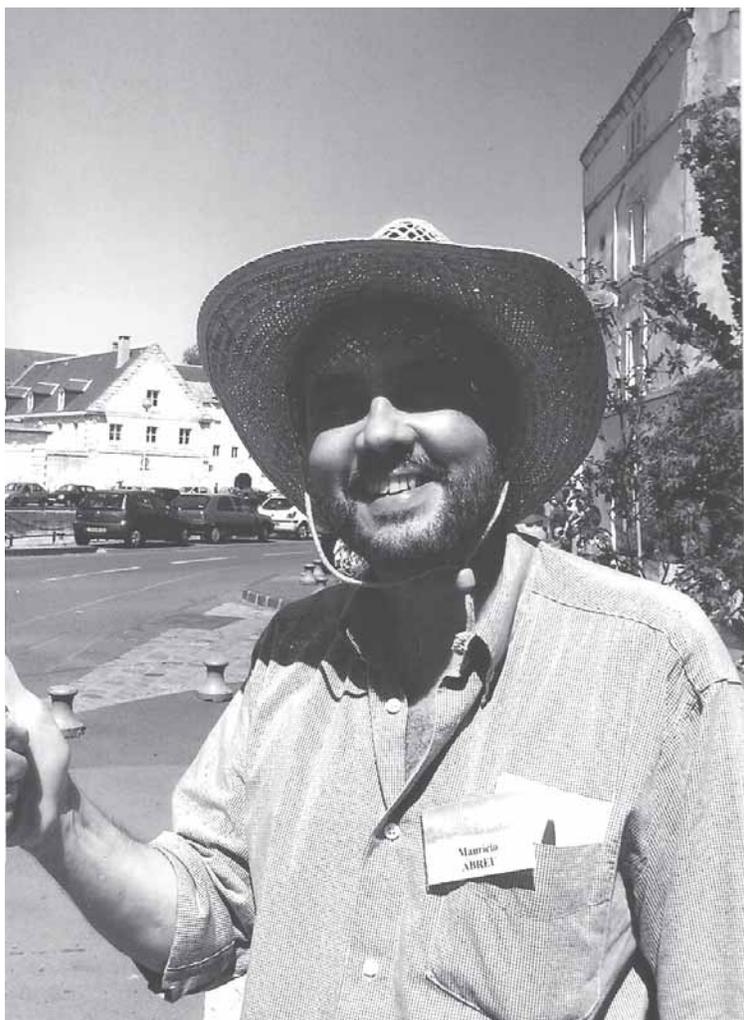
São incontáveis os alunos da graduação e da pós-graduação que puderam, por muitos e longos anos, desfrutar da sabedoria e da ética do professor Abreu. Sem distinções, honrou sempre o compromisso de consolidar uma formação inicial sólida. Nas suas aulas, víamos desaparecer as cisões mais fortes e antigas da Geografia através dos olhos atentos de estudantes com os mais diversos interesses. Fossem aspirantes a geomorfólogos, cartógrafos ou pesquisadores do espaço social, a verdade é que ninguém resistia ao que dizia, e como dizia, aquele homem de cabeça e de humor tão refinados.

Maurício orgulhava-se de ser um dos poucos a lecionar e pesquisar às sextas-feiras na pouco atraente ilha do Fundão e de concluir os seus cursos sem faltar ou chegar atrasado uma vez sequer; convenhamos, isso não é pouco, sobretudo considerando a vida na universidade pública. É também motivo de orgulho a dedicação que ele sempre dispensou aos que gostava, conforme os colegas mais próximos podem atestar.

Para Maurício, também seria impossível receber todos os agradecimentos dos que tanto o admiravam. E o admiravam por qualidades como o labor e a meticulosidade, que o levaram demorar quinze anos para escrever um mesmo trabalho; pela persistência, que mesmo nos últimos e difíceis momentos teimou em exhibir; por acreditar de fato no que fazia, a despeito da marginalização que muitas vezes sofreu devido ao que estudava. Na ciência, debateu e defendeu a Geografia Histórica e sua metodologia com pensadores de peso, como Milton Santos, a quem dedicou um dos seus mais importantes artigos. Na vida, a batalha contra os problemas nas células cerebrais foi ainda muito pior e impiedosa. De positivo, fica a certeza de que agora Mauricio pode se libertar da dor física e da pior das dores para ele: a de não poder fazer aquilo que ama.

Em nome dos alunos do Núcleo de Pesquisa em Geografia Histórica, dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, agradecemos eternamente ao mestre Maurício de Almeida Abreu.

Rio de Janeiro, 9 de junho de 2011
Alunos do Departamento de Geografia da UFRJ



Arquivo particular: álbum de família
Prof. Maurício A. Abreu em um alegre momento de lazer durante evento no
Mexico, 2006